

Darfur - a outra crise humanitária no Sudão

Publicação: [O Mundo em Português Nº56](#)

Data de Publicação: Setembro/Outubro de 2004

Autor: Ana Elisa Cascão

No passado mês de Abril, Kofi Annan alertou a comunidade internacional para a possibilidade de se estar a assistir no Sudão, na região de Darfur, a um conflito com características idênticas às do genocídio no Ruanda. Dez anos passados sobre os acontecimentos no Ruanda e com o mundo atento a outros palcos (em particular, o Iraque), o conflito na região de Darfur, que teve início em 2003, foi sendo negligenciado pela opinião pública e pelos líderes mundiais. Presentemente, é consensual que estamos perante uma das mais complexas crises humanitárias no mundo, cujas origens são intrincadas e as consequências imprevisíveis.

Em meados de 2003, dois grupos rebeldes africanos de Darfur (Movimento para a Justiça e Igualdade e Movimento de Libertação do Sudão) reforçaram a sua oposição do governo de Cartum e a sua política de marginalização e opressão em relação às populações africanas, excluindo mesmo esta região das negociações de paz para o Sudão (a decorrer no Quénia). Dava-se assim início a um conflito entre os rebeldes e o governo, que viria a ser exacerbado por ataques contínuos e massivos a populações civis perpetuados por milícias árabes – os Janjaweed. O conflito foi tomando proporções alarmantes – as milícias puseram em prática ataques a aldeias, envolvendo violações, assassinatos e pilhagens, enquanto o governo recorreu a bombardeamentos aéreos constantes, originando o medo e conduzindo a um êxodo em massa das populações. Apesar de o governo sudanês negar o apoio às milícias árabes, não as considerando pró-estatais ou como fazendo parte de qualquer estratégia política, estes grupos armados têm gozado de impunidade.

Vários analistas garantem que dezenas de milhares de elementos das comunidades agro-pastoris africanas já pereceram neste conflito e que muitos milhares de pessoas continuam em risco, mesmo apesar do cessar-fogo assinado em Abril último. Um dos mais dramáticos efeitos deste conflito é a vaga de refugiados e deslocados internos que assola a região de Darfur, a fronteira mais ocidental do Sudão. Os números são avassaladores – mais de um milhão de deslocados internos e cerca de 150 mil

refugiados no Chade, que faz fronteira com o Sudão. O cenário é catastrófico – as populações vivem em condições humanitárias críticas, as organizações internacionais têm pouco ou nenhum acesso à região (é-lhes negado pelo governo sudanês), não chega à região a ajuda alimentar necessária, a época das chuvas aproxima-se, o perigo de doenças aumenta e o acesso aos campos de refugiados será ainda mais difícil. Este conflito envolve vários perigos, não só porque agudiza a tendência do Sudão para conflitos centro-periferia, como abre uma «caixa de Pandora» de hipotéticas instabilidades regionais, nomeadamente no Chade, que tem visto os campos de refugiados no seu território atacados por Janjaweed que atravessam a fronteira.

A discussão sobre a existência de um caso de genocídio ou «limpeza étnica» em Darfur não é pacífica, mas são inegáveis as violações sistemáticas dos direitos humanos, com base em conceitos étnicos, a que estas populações estão sujeitas.